

INSTRUMENTOS DE ENSINO DAS LÍNGUAS CLÁSSICAS: UMA PROPOSTA PARA FUTUROS MANUAIS ESCOLARES

João Silva Soares

No Encontro "As Línguas Clássicas: Investigação e Ensino", realizado em Coimbra, em 1993, apresentei uma comunicação sobre manuais escolares subordinada ao título "Para uma reflexão sobre manuais escolares", publicada em *Boletim de Estudos Clássicos*, nº 20, a páginas 75-93. Os pontos de vista que agora proponho à reflexão vêm na continuidade dos que aí expendi, com uma ou outra alteração, e visam o seu aprofundamento.

A elaboração dum manual de Latim, seja ele de iniciação ou de continuação, não é indiferente ao sucesso do ensino/aprendizagem da disciplina. A distribuição dos conteúdos, a linguagem didáctica, as estratégias sugeridas e a própria avaliação que o enformam constituem, tanto para quem ensina como para quem aprende, factores de adesão, indiferença ou rejeição.

Sendo instrumento de ensino/aprendizagem, o manual tem a ver não só com os conteúdos mas também, e fundamentalmente, com os objectivos propostos pelo programa. Assim sendo, é essencialmente no domínio dos objectivos que centro esta reflexão e me atrevo a sugerir algumas pistas a seguir em futuros manuais.

Efectivamente, é sempre nova a velha questão: para quê ensinar/aprender Latim? Que perfil deverá ter um aluno de Latim, hoje, no final do Ensino Secundário?

Creio que os objectivos gerais explicitados na Organização Curricular e Programas, a páginas 25-27, são merecedores da nossa adesão tanto

ao nível das atitudes/valores como aos das capacidades/aptidões e dos conhecimentos. A questão está em saber se, ao fim dum *curriculum* de três anos de Latim, é possível dar cumprimento aos objectivos propostos.

No domínio das atitudes/valores, não parece difícil alcançar os objectivos, pois que entram no âmbito de outras disciplinas. No entanto, no que respeita à elaboração de manuais escolares, já neste domínio se coloca uma questão de relevância: como apresentar a civilização/cultura? Numa perspectiva diacrónica, da antiguidade para o presente? Na perspectiva diacrónica mas em sentido inverso? Numa perspectiva sincrónica, focalizando a vida pública e privada dos Romanos duma determinada época? E que época privilegiar?

Qualquer opção tem vantagens e desvantagens. A segunda via parece-me a mais eficiente pelas razões seguintes:

1ª – parte-se do conhecido para o desconhecido;

2ª – actua-se dentro da perspectiva histórica, embora ao inverso, o que, na percepção dos fenómenos de civilização/cultura, produz uma consciencialização muito mais segura e rigorosa. É que mais importante do que saber as coisas pelas coisas é ser-se capaz de estabelecer relações de vários tipos entre essas mesmas coisas.

No domínio das capacidades/atitudes, a maior parte dos objectivos é comum a outras disciplinas também (autodisciplina, persistência, trabalho, sentido estético, autonomia pessoal, consciência crítica); outros, não sendo específicos do Latim, são, todavia, mais facilmente atingíveis pela aprendizagem desta língua. Com efeito, quem, com conhecimento de experiência feito, põe em causa o valor do Latim na aquisição de "hábitos de reflexão metódica e de disciplina mental, espírito de rigor e exactidão"?

Sendo assim, forçoso é concluir que o domínio dos conhecimentos é crucial. Será, portanto, o cumprimento dos objectivos ao nível dos conhecimentos que dará consistência e realidade ao perfil do aluno de Latim do Ensino Secundário. Qual será o perfil dum tal aluno?

No meu entendimento, é o aluno que possui as capacidades e os conhecimentos que lhe permitam ler um texto dum autor latino de acessibilidade de grau médio. Essa capacidade de leitura terá como suportes indispensáveis:

1º – um conhecimento básico da civilização/cultura romanas, facilitador do acesso ao texto latino;

2º – um vocabulário básico, facilitador duma primeira abordagem do texto, sem recurso a dicionário, operação que só deve ter lugar na fase de aprofundamento e ultimatezação da leitura;

3º – um domínio das estruturas morfo-sintácticas da língua latina, facilitador da descodificação do texto de forma inteligível, clara e precisa.

Esta capacidade de ler Latim apetrechará os alunos:

- na generalidade, para o entendimento do texto latino e sua versão correcta para Português, com todas as operações que tal implica;
- em particular, como suporte sólido, quer do prosseguimento de estudos nos cursos de Línguas e Literaturas, quer da compreensão ou mesmo investigação em áreas como História, Epigrafia, Numismática, Filosofia, Direito e outras.

Sobre a civilização/cultura, já referi a opção que se me oferece a mais frutífera na elaboração de manuais.

Passemos, então, ao vocabulário. Mostra também a experiência que o desconhecimento dos alunos dos vocábulos essenciais é duma flagrância aflitiva. Tal facto tem a ver, creio, com a falta de relevância que os manuais têm dado a esta matéria. Os futuros manuais terão de investir na formação do vocabulário básico dos alunos. Mas qual é o vocabulário básico duma língua que está afastada da comunicação actual oral e escrita? Em que bases deve ser construído? A que finalidades se destina?

Como já apontei no trabalho citado, a páginas 80-84, o vocabulário destina-se a dois fins:

- 1º – a leitura do texto;
- 2º – a produção de texto.

Quanto às bases de construção do vocabulário básico, a questão é das que merecem uma reflexão mais aprofundada. No meu ponto de vista, o vocabulário que os alunos deverão ir adquirindo ao longo dos três anos de estudo da disciplina deve ser uma resultante:

- a) dos referentes gerais dos temas de civilização/cultura;
- b) do vocabulário frequentemente ocorrente nos textos latinos.

Porém, no tratamento desta matéria, os manuais deverão recorrer a estratégias que incentivem os alunos à construção do seu vocabulário básico. A inserção desse vocabulário nos manuais parece-me contraproducente, na medida em que retira aos discentes uma tarefa que deve competir essencialmente a eles. Uma das técnicas possíveis será a sua apresentação texto a texto, convidando os alunos a fazerem o seu registo em "dossier" próprio. Este exercício deve ser frequente e incutido no espírito dos alunos como uma das condições necessárias para *aprender a ler* e a *escrever* Latim. Entendo aqui *ler Latim* no sentido mais amplo da frase, ou seja, o desenvolvimento das capacidades/aptidões de:

- a) conhecimento progressivo do vocabulário e das estruturas da língua;
- b) descodificação das mensagens mediante operações mentais de análise e interpretação das mesmas;

c) conversão dessas mensagens em mensagens correctas em língua materna.

Que Latim ler então? O Latim dos autores do programa, sem dúvida, mas também o Latim que durante a época da Romanização por cá foi sendo produzido nos textos e materiais mais diversos e ainda o Latim que surgiu em épocas posteriores. Os conteúdos programáticos só ganharão em ser inflectidos no sentido de privilegiar o legado romano à nossa gente. Devem, pois, os manuais insistir nas relações dos Romanos com os povos ibéricos, nos efeitos da Romanização aos mais diversos níveis, dar conta do que já foi trazido à luz pelas descobertas arqueológicas. Assim, os discentes sentirão que a terra onde vivem, moldada numa primeira fase à imagem da civilização romana, que teve o mérito e a humildade de respeitar os costumes indígenas, se foi individualizando e ganhando personalidade linguística e cultural sob o impulso vivificador do legado de Roma. Por essa razão, os manuais deverão incluir textos latinos tanto do período da Romanização como das épocas posteriores.

Nesta ordem de ideias, as comunicações apresentadas neste Encontro constituem excelente contributo para a concretização deste objectivo. Alguns dos manuais estrangeiros que me têm chegado às mãos começam a valorizar cada vez mais esta perspectiva: os de língua francesa falam da campanha das Gálias e os espanhóis realçam as personalidades políticas e literárias de origem hispânica, bem como a resistência dos Celtiberos. Caminhando nesta direcção, os manuais contribuirão para que o Latim se assuma perante os alunos como elo permanente de ligação do nosso passado ao nosso presente.

Resta falar da produção de texto, outro domínio fecundíssimo para a aprendizagem do Latim. É forçoso alterar o presente estado de coisas em que os alunos, além de não possuírem vocabulário, não dominam o essencial da morfo-sintaxe e quase sempre ficam limitados a uns conhecimentos de memória ou de ouvido, sem segurança, sem rigor, sem profundidade, sem qualquer interesse e impacte no seu crescimento cultural, empregando aqui *cultura* no seu sentido mais amplo. É imperioso que cada vez mais os manuais contribuam para que os alunos automatizem as estruturas da língua, o que só se alcança com a prática da mesma, propondo a construção de diferentes tipos de texto em Latim: informativos, narrativos, descritivos, opinativos, individuais ou colectivos, sobre os temas que vierem a propósito, os quais porão os alunos em contínuo exercício. Porque não há-de um aluno escrever sobre o artista ou desportista de que é "fã", o seu desporto ou música preferidos, as férias do último Verão ou outro assunto do seu mundo diário? E escrever também sobre o mundo do passado e a sua relação com o presente?

Mas a produção de texto assim entendida não deixa de pôr um problema: como escrever em Latim sobre a vida actual se o progresso científico e técnico trouxe consigo tantas inovações linguísticas? Como dizer em Latim, por exemplo, *desafio de futebol*, *partida de golfe*, *remate à baliza*, *apanhar uma boleia*, *passar um texto à máquina*, ou *bater um texto em computador*? Neste domínio, entendo que uma entidade como a União Latina se deve ocupar desta questão, de modo a que seja criada uma terminologia universal que vá designando as inovações científicas e técnicas.

O último ponto sobre o qual pretendo dirigir esta reflexão é o do uso das línguas portuguesa e latina nos manuais. O manual de iniciação, por razões a todos evidentes, deve privilegiar o português na informação cultural, na exploração dos textos, na apresentação da matéria morfo-sintáctica e na nomenclatura gramatical, bem como nos questionários dos diferentes exercícios, o que não obsta a que não surja, a partir da altura apropriada, um ou outro questionário em Latim. O manual do 11º ano já deve ir progressivamente dando lugar ao emprego do Latim nos questionários de leitura dos textos e na nomenclatura gramatical. Nesta etapa, as duas línguas tenderão a equilibrar-se e a iluminar-se mutuamente. O manual do ano terminal já deve privilegiar o emprego do Latim nas informações de natureza histórico-literária, nos questionários de leitura e na nomenclatura gramatical. O português reservar-se-á aos temas de cultura, aos textos de apoio, literários ou não, e a uma ou outra designação gramatical mais complexa.

A terminar, uma nota importante: tal como o professor no acto educativo, também os manuais hão-de saber conciliar as expectativas dos discentes com a necessidade de lhes abrir horizontes de maneira a sentirem-se motivados a ir mais longe. Não é fácil, nos dias de hoje, atingir cabalmente os objectivos do programa, sobretudo ao nível dos conhecimentos. Por isso mesmo, os manuais incutirão no espírito dos discentes a certeza de que o saber é sempre uma construção inacabada e que as vitórias terão tanto mais conforto e alegria quanto mais difíceis forem de atingir: *ad augusta per angusta!*